



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**CONQUISTANDO A CIDADANIA ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO:  
O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS E AS NOVAS  
TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO<sup>1</sup>**

*Eliane Borges da Silva*

*Mestre em Comunicação – UFBA/FACOM*

*Técnica em Ass. Educacionais – Nutes/UFRJ*

[elianeborges@mulheresnegras.org](mailto:elianeborges@mulheresnegras.org)

[\*\*eborges@nutes.ufrj.br\*\*](mailto:eborges@nutes.ufrj.br)

*Maria de Fátima Barbosa*

*Mestranda em Tecnologia Educacional – NUTES/UFRJ*

[fbarbosa@nutes.ufrj.br](mailto:fbarbosa@nutes.ufrj.br)

**Resumo:**

Na era da informação (sociedade de informação), as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm se tornado uma grande força de transformação social. Inúmeros estudos têm sido desenvolvidos no sentido de analisar a participação das mulheres na sociedade de informação, ou seja, de que forma e como as mulheres têm utilizado as ferramentas propiciadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação em prol da igualdade de gênero e consolidação da cidadania. Esse texto tem o objetivo de relatar e analisar as experiências do movimento de mulheres negras no processo de apropriação dos recursos e ferramentas disponibilizadas no ciberespaço (WEB, Internet) e em que sentido a apropriação desses recursos tem dado nova configuração à luta pela emancipação das mulheres negras em termos de cidadania e representações sociais.

&&&&&&&

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**Palavras-chave:** Movimentos sociais, novas tecnologias de comunicação e gênero.



## 1. Introdução

Em 1998, ao finalizar a pesquisa empreendida sobre o Movimento de Mulheres Negras, foram colocadas pelas militantes entrevistadas algumas questões que dificultavam o processo de emancipação das mulheres negras e da conquista de uma cidadania plena. Dentre eles, podemos destacar:

- desconhecimento histórico do papel da mulher negra na construção do país;
- impregnação no imaginário social da idéia de imutabilidade nas tradicionais representações e papéis das mulheres e homens negr@s, estereótipos que terminam por dificultar o próprio processo de emancipação da comunidade negra;
- carência na socialização do conhecimento produzido pela comunidade negra;
- dificuldade de acesso ao material de reflexão produzido no interior do movimento, principalmente nos encontros, fóruns, reuniões promovidos pelo grupo. Material esse que, uma vez organizado e analisado, poderia vir a ser um valioso instrumento para a construção e consolidação do que poderíamos chamar de pensamento negro feminista;
- não apropriação de canais eficazes de comunicação para mobilizar a sociedade civil e seduzir novos(as) adeptos(as) para à causa;
- inabilidade de ativistas e entidades em lidar com os meios de comunicação e as novas tecnologias de informação.

Essas questões, analisadas do ponto de vista da comunicação, cultura e cidadania mostram o quanto estão imbricadas, principalmente tratando-se do movimentos sociais. Na sociedade de informação, os grupos excluídos começaram a encarar o processo de comunicação com um importante aliado na luta de melhores condições de vida e cidadania.

Era preciso então vencer a principal barreira, ou seja, o processo de comunicação, desde a produção e o armazenamento até a circulação da informação, que traduziria o estado de arte do movimento, possibilitando maior mobilização de pessoas para a causa. Nesse momento, grupos minoritários começam a vislumbrar a rede virtual, a Internet, como uma grande aliada para a obtenção e divulgação de informações vitais para o fortalecimento de suas próprias reivindicações políticas,



econômicas e sociais. O avanço tecnológico na área de comunicação, somado ao crescimento do número de provedores (acessos pagos ou gratuitos), facilidades de obtenção dos recursos necessários para se conectar, estímulo de ONGs internacionais que financiavam projetos de capacitação para o uso da Internet, contribuiu para que um grupo cada vez maior de entidades e militantes começasse a fazer parte da comunidade virtual.

## **2. A WWW como ferramenta de comunicação aliada à luta das minorias**

A idéia das comunidades virtuais nos dá a exata dimensão dos avanços ocorridos nos últimos anos, principalmente no que se refere às grandes redes de comunicação, como é o caso da Internet. Novas formas de pensamento e estratégias de ação são introduzidas a todo instante. A informação e os fatos circulam em velocidades instantâneas. A própria maneira de exercer a militância tem se alterado para determinados setores do movimento social, como pode se visto nos movimentos Zapatistas, Sem Terra etc.

A Internet e as ferramentas disponibilizadas na WEB têm alterado bastante as relações dos diversos setores do movimento social. Se num primeiro momento foi vista como mais um poderoso mecanismo de dominação, hoje existem entidades exclusivamente criadas para dar subsídios/recursos/consultoria às mais diversas organizações na conquista do ciberespaço.

Essas iniciativas não se restringem apenas ao uso do ciberespaço como consumidores ou usuários, mas também como produtores. Há uma preocupação entre os grupos excluídos de também tornarem-se produtores desse espaço, ou seja, apropriarem-se das ferramentas que possibilitam a comunicação nesse espaço. Projetos de financiamento são elaborados exclusivamente para esse fim, ou seja, custear as despesas que envolvam a capacitação de militantes e treinamento de profissionais para a utilização e manutenção das novas tecnologias. É possível obter financiamentos que custeiem todo o processo de construção de sites na Internet, constituído por profissionais de comunicação e informática: webdesigners, programadores, redatores, revisores, etc.

A forma de reivindicar cidadania, direitos civis, respeito à diversidade cresce



numa dinâmica nunca vista no mundo virtual. A todo instante, mais entidades hospedam-se no espaço virtual, abrigando e transmitindo informações, fazendo convocações, distribuindo conhecimento, preservando a memória da entidade e, por conseguinte, a memória do próprio movimento. Redes são consolidadas e a comunicação entrelaçada de forma assíncrona e desterritorializada. Não há pesquisas feitas nesse sentido, mas sabe-se que um grande número dessas entidades tem sites na Internet ou desenvolverá um muito em breve. Saber em que medida a ocupação dos espaços virtuais pode ser vista como garantia de melhor tratamento no processo de emancipação das mulheres e do enfrentamento das questões de gênero, raça e classe é uma análise que tem merecido maior acuidade e estudo.

O MMN não está fora desses novos agenciamentos.

### **3. O Movimento de Mulheres Negras e as Novas Tecnologias de Comunicação**

O avanço das novas tecnologias e o lugar que os meios de comunicação vêm ocupando no trato das relações sociais merecem algumas considerações. Os meios de comunicação e o leque de possibilidades que oferece, os avanços tecnológicos, a globalização, têm se convertido em agentes poderosos de produção e renovação constante da constituição imaginária e circulação de informação.

O Movimento de Mulheres Negras (MMN), apesar de todas as fragilidades de organização, tem desempenhado importante papel político na denúncia das precárias condições de vida e desrespeito aos direitos de cidadania das mulheres negras, dando grandes contribuições ao processo de conscientização do estado de opressão das mulheres negras. Cresce entre o grupo a percepção de uma nova ordem social, traduzida numa maior necessidade de participar de fóruns e debates onde governo e sociedade civil se defrontem e definam formas e estratégias de inserção das populações excluídas.

Um exemplo recente de atitude é a participação das mulheres negras no processo pré e pós a Conferência da ONU contra o Racismo, Xenofobia e Outras Formas de Discriminação. Dentre os segmentos participantes, o de mulheres negras brasileiros foi



o que mais aglutina, denuncia e propõe políticas públicas pela igualdade de gênero, raça e classe.

Vimos crescer assustadoramente a quantidade de sites disponibilizados na Internet e isso faz parecer que uma nova dinâmica impregna-se no interior dos movimentos e, mais especificamente, o movimento de mulheres negras. São redes comunicacionais que integram diversas entidades que têm objetivos gerais bastante próximos, voltados para as discussões de gênero, raça e classe.

### **3. Novas formas de comunicação e a luta pela cidadania: relato de experiências**

Vários projetos têm sido elaborados no sentido de utilizar os meios de comunicação como forma de empoderamento de grupos minoritários. Tratando-se do Movimento de Mulheres Negras, vejamos algumas dessas experiências.

Uma das primeiras iniciativas no campo da militância negra feminista foi a RECOM (Rede Eletrônica de Comunicação de Mulheres Negras), que tinha a proposta de promover ações no sentido de capacitar e treinar grupos historicamente excluídos das novas tecnologias de comunicação, bem como das novas profissões que o ambiente virtual demanda. Além disso, seu objetivo era instituir um processo constante de “*mídia advocacy*”, que visava acompanhar e questionar produções (televisivas, radiofônicas, impressas etc.) que fortalecessem a manutenção de estereótipos (raciais, sexistas, classistas), preconceitos, imagens negativas da comunidade negra, bem como mobilizar militantes e sociedade civil, através da denúncia e processos legais, contra determinados programas que incentivavam a discriminação e também a sedimentação de uma imagem negativa de negros e negras no imaginário social.

Outra experiência que também se apropriou das ferramentas disponibilizadas na Internet é a Articulação de Mulheres Negras para a III Conferência contra o Racismo. Essa articulação, a princípio criada apenas para acompanhar o processo preparatório da Conferência Mundial contra o Racismo (Durban, África do Sul, 2001), está ativa até hoje. Através da lista de discussão intitulada “mulheres negras”, que tem se constituído em um dos canais mais importantes de divulgação de informações e fortalecimento do movimento negro como um todo. Se todas as decisões da Articulação tivessem que ser feitas dentro dos moldes tradicionais de encontros presenciais, o custo dessa empreitada



inviabilizaria o projeto.

A lista de discussão virtual “Mulheres Negras”, criada em novembro de 2000, conta com aproximadamente 220 membros (homens e mulheres), oriundos dos mais diversos Estados do país e, em menor número, de outros países. Utilizando essa ferramenta de comunicação foi a que mais acertadamente e com menor custo propiciou a criação de um banco de dados de entidades, organizações, grupos que estão envolvidos na luta pelos direitos de cidadania e respeito às especificidades de cada grupo.

Ainda em função da lista, deve-se destacar o fato de que tanto as questões discutidas no interior do Movimento de Mulheres Negras estão sendo levadas para outros fóruns de discussão como questões antes desconhecidas pelo MMN vão sendo incorporadas ao seu próprio programa, como é o caso da questão indígena (direito à terra, esterilização da mulheres indígenas etc.). A rede virtual, neste sentido, tem estimulado novas tecituras cada vez mais imbricadas, dinâmicas e diversas entre os grupos excluídos.

Outra experiência que deve ser lembrada aqui é a inauguração do espaço virtual “*Mulheres negras: do umbigo para o mundo*” ([www.mulheresnegras.org](http://www.mulheresnegras.org)). Esse projeto, pioneiro em termos de Brasil, tem o objetivo de reunir o conjunto de pesquisador@s negr@s e suas produções acadêmicas e disponibilizar informações e conhecimentos produzidos de forma rápida e democrática para pessoas interessadas em tratar as questões de raça numa perspectiva de gênero.

Diante das questões levantadas por pesquisadores(as) nos fóruns de debates, achou-se conveniente criar um espaço conciso e de fácil navegação, onde fosse possível obter, de forma rápida e direta, informações não só do movimento de mulheres negras, mas também criar um canal de comunicação direto entre pesquisadores, militantes, representantes dos diversos setores da sociedade civil e entidades que têm trabalhado em prol da emancipação da comunidade negra. Além disso, o objetivo do projeto era também capacitar profissionais de comunicação para abordar o tema de forma adequada e do interesse da comunidade negra.

O site é dividido em diversas seções. Essa seleção foi feita em função das prioridades estabelecidas pelo Movimento de Mulheres Negras em suas reivindicações



políticas. Havia um consenso de que, para a melhoria da qualidade de vida da população negra e eliminação do preconceito em relação à mulher negra, algumas áreas são críticas e, portanto, mereciam maior atenção no trato de suas questões. Foram destacadas as áreas de educação, saúde, afrodescendência, religião, direitos civis, história. Os temas abordados em cada seção deveriam concentrar o maior número possível de temas que facilitassem a aquisição e divulgação de conhecimentos e produção de saberes.

Na área educacional, é consenso no grupo interessado pela inclusão de temas relacionados à história africana que a maior dificuldade de trazer essa discussão para a sala de aula não se restringe exclusivamente à falta de habilidade/competência do(a) professor(a) em lidar com o assunto, mas à falta de textos que saiam do esquema tradicional de fazer história, impregnados de estereótipos, erros, lacunas que só contribuem para a construção de uma imagem negativa d@s afrodescendentes.

Na primeira edição do site, foi proposta uma discussão de como introduzir a questão da história africana em sala de aula, a partir dos próprios parâmetros curriculares nacionais, que estimula @s professor@s a tratar a questão da diversidade, sem oferecer para isso nenhum apoio técnico-pedagógico.

Outro item diz respeito à saúde. Em cada edição procura-se disponibilizar textos científicos, também dentro de uma perspectiva de gênero e raça, com informações importantes para a prevenção e tratamento de determinados males mais específicos para esse grupo racial (anemia falciforme, hipertensão, miomas etc.).

Desde sua inauguração no ciberespaço, o site já foi visitado por mais de 70.000 mil pessoas (dados da Nedstat - <http://usa.nedstatbasic.net/cgi-bin/viewstat?name=negracounter>), em todo o mundo, e tem se tornado um ponto de encontro de pesquisadores(as) negros(as), bem como espaço de referência e consulta de professores e alunos nos vários continentes, principalmente os falantes de língua portuguesa.

Essas e outras experiências estão ainda em curso e sendo objetos de análise. Contudo, algumas conclusões já podem ser tiradas.

#### **4. Conclusão**



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Como foi tratado aqui, é indiscutível os efeitos benéficos que a apropriação das novas tecnologias de comunicação propiciou às reivindicações dos grupos excluídos na luta por uma cidadania inclusiva. Entretanto, esses efeitos devem ser olhados com cautela para que se continue a tirar maior proveito das novas tecnologias de comunicação.

No Movimento de Mulheres Negras é fácil perceber que a inclusão de algumas ONGs no mundo digital não se traduz necessariamente em inclusão também na esfera política e de tomadas de decisões. Grupos que tradicionalmente assumiram as bandeiras que seriam encaminhadas como reivindicatórias de políticas públicas, ou seja, assumiam o papel de liderança dentro do Movimento, tiveram ou não sua posição confirmada dependendo do grau de inclusão que tiveram em relação ao mundo tecnológico e às novas tecnologias de informação e comunicação.

Num país com tamanha diversidade social, econômica e tecnológica como é o caso brasileiro, as entidades envolvidas com o movimento social, dependendo dos recursos financeiros que dispõem, das prioridades político-ideológicas e da capacitação dos seus dirigentes, da disponibilidade de aparatos tecnológicos, ficam num estágio de inclusão ou exclusão digital.

Em outras palavras, aquelas instituições compostas por quadros de militantes mais qualificados conseguiram, ou na figura de líder mais atuante ou da entidade como um todo, garantir maiores financiamentos e, por conseguinte, executar projetos sociais que lhe deram mais credibilidade e recursos e, por conseguinte, mais espaços e poder decisório. Esse aspecto cria uma rede que embora seja democrática, já que está aberta a todos, nem todas as entidades/pessoas têm condições de dela fazer parte ou se manter na rede. Daí demandam outras questões que estão sendo ainda analisadas e merecerá melhor discussão daqui há algum tempo.



## 5. Bibliografia Consultada

- AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas – desafio às ciências humanas desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BAIROS, Luiza. *Mulher negra e feminismo*. Boletim do Centro de Informação da Mulher, n. 11, São Paulo, 1988.
- CARNEIRO, Sueli. *Organização nacional de mulheres negras: desafios e perspectivas*. In: **Cadernos Geledés**. n.4. São Paulo: Geledés, 1993.
- CARNEIRO, Sueli. Carneiro, Sueli, Santos, Thereza & Costa, Albertina Gordo de Oliveira. **Mulher Negra; Política Governamental e a mulher**. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- COLLINS, Patricia Hills. **Black, feminists thought. Knowledge, consciousness and politics of empowerment**. New York: Routledge/Perspectives on Gender, 1991, v. 2.
- COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- FLAX, Jane. *Pós-modernismos e as relações de gênero na teoria feminista*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pós modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- FRANCHETTO, Bruna et alii. *Antropologia e Feminismo*. In: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, M.L. e HEILBORN, M.L. **Perspectivas Antropológicas da Mulher 1**, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- GONZALEZ, Lélia. *Mulher Negra*. In: **Carta 1: falas, reflexões, memórias**. n. 4. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1994.
- JOSEPH, Gloria & LEWIS, Jill. **Common differences: conflicts in black and white feminist perspectives**. New York: South End Press, 1981.
- LEVY, Pierre. **A conexão planetária**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo:  
Ed. Loyola, 1998.

LIPNACK, Jessica & STAPS, Jeffrey. Networks - redes de conexões - pessoas  
conectando-se com pessoas. (texto xerocada, sem data)

LOVERA, Sara. Una reflexión para el fin del milenio: las imagenes de la mujer en los  
medios de comunicacion de masas. (Texto repassado por militantes do movimento de  
mulheres negras via e-mail. - s/data)

HAFKIN, Nancy & TAGGART, Nancy. Gender, Information Technology, and  
Developing Countries: nan analytic study. Academy for Educational Development.  
United States for Agency for International Development, June, 2001.

SMITH, Barbara (org.). **The combahee river collective statement: black feminist  
organizing in the seventies and eighties.** New York: Kitchen Press, 1977.

SILVA, Eliane Borges. Para além do próprio umbigo: as mulheres negras militantes de  
Salvador e a construção do imaginário feminino negro. Tese de Mestrado,  
FACOM/UFBA, Salvador. 1998.

## **WEB**

Women encounter technology: Changing Patterns of Employment in the Third World.  
Edited by Swasti Mitter and Sheila Rowbotham. Routledge London and New York. The  
United Nations University - INTEC - Institute for New Technologies, 1995.

<http://www.unu.edu/unpress/unupbooks/uu37we/uu37we00.htm>

Women2000: "Women and the Information Revolution". Issue No.1/1996 - October  
1996, of DAW's newsletter. <http://www.un.org/womenwatch/daw/public/w2cont.htm>

Information and Communication Technologies: A Women's Agenda.  
<http://www.apcwomen.org/resources/policy/women-rights.html>